

A PERSPECTIVA DO COLONIZADOR A PARTIR DO CAPÍTULO CROSSING THE RIVER DA OBRA DE MESMO TÍTULO DE CARYL PHILLIPS

Geniane Diamante Ferreira Ferreira*

RESUMO: O artigo analisa os eventos ocorridos na viagem do Capitão James Hamilton, personagem do livro ‘Crossing the River’, de Caryl Phillips, rumo à África para a aquisição de novos escravos e posterior venda nos Estados Unidos e na Europa. Por ser um homem branco, as discussões versam sobre o outro lado da história da escravidão e consequentes patriarcalismo e pós-colonialismo. Nossos resultados mostram Hamilton como um homem com posturas diversas diante de suas posições de capitão ou marido, o que indica outro lado do colonizador, não só aquele monstruoso usualmente percebido. Ainda, isto vem como uma metáfora do próprio imperialismo, que, apesar de toda a destruição, proporcionou a construção de laços antes imprevisíveis.

PALAVRAS-CHAVE: Colonizador; Imperialismo; Caryl Phillips.

THE COLONIZING PERSPECTIVE OF THE CROSSING THE RIVER CHAPTER OF THE SAME ENTITLED WORK OF CARYL PHILLIPS

* Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Maringá - UEM. E-mail: geniane.ferreira@uol.com.br

ABSTRACT: The article analyzes the events in the journey of Captain James Hamilton, character in the book ‘Crossing the River’ of Caryl Phillips, heading to Africa to purchase new slaves and later sell them in the United States and Europe. As a white man, the discussions are concerning the other side of the history of slavery and subsequent post-colonialism and patriarchy. Our results show Hamilton as a man with many postures in front of his positions of captain or husband, which shows another side of the colonizer, not just the monstrous usually perceived. Still, this comes as a metaphor of imperialism itself, which, despite all the destruction, provided the building of ties unpredictable before.

KEYWORDS: Colonizer; Imperialism; Caryl Phillips.

INTRODUÇÃO

Crossing the River é um dos primeiros romances de autoria de Caryl Phillips (1994). Apesar de jovem, ele escreve sobre grupos de pessoas marginalizadas, como o de negros, por exemplo. No livro sob estudo, nós podemos analisar como o homem branco exclui o “outro” para mostrar e afirmar sua hegemonia e a reação deste “outro” oprimido. Como se dá a subjetificação?

O livro *Crossing the River* não tem tradução em português e há escassos trabalhos acadêmicos sobre a obra de Phillips. Desta forma, objetivamos contribuir com o estudo sobre este autor moderno e seu trabalho.

Além disso, queremos discutir temas que abordem e analisem a reação ao seu trabalho no que tange a aspectos filosóficos e históricos, entre outros.

1.1 OBJETIVOS

Nosso objetivo neste estudo é descrever o comportamento do

personagem Capitão James Hamilton, suas estratégias contra a tentativa de subjetificação do negro em contraponto com a postura do homem Hamilton (não capitão), independentemente de sua cor ou posição social, quando perante situações diversas do contexto da escravidão.

1.2 METODOLOGIA

Primeiramente, fizemos uma pesquisa sobre os temas e conceitos mais importantes para este estudo, tais como patriarcalismo, colonialismo, objetificação, colonizador, Outro/outro, etc. Usamos, então, o capítulo *Crossing the River* do livro de mesmo nome para proceder à análise empregando a base teórica previamente estudada.

2 RESULTADOS

A seção analisada é um dos capítulos (o terceiro de quatro) do livro *Crossing the River* de Caryl Phillips e recebe o mesmo título. Talvez isto se deva ao fato de o texto sob estudo versar sobre a viagem de um capitão de navio à África, partindo da Inglaterra, na busca de escravos para sua posterior venda no Hemisfério Norte. Assim, o autor considera esta travessia o cruzamento de um rio, ou seja, uma passagem para o outro lado, para a outra margem.

O Capitão James Hamilton é um homem branco, de 26 anos, cuja viagem se inicia em 24 de agosto de 1752, partindo de Liverpool, na Inglaterra, em direção à costa da África. No início do capítulo há uma lista dos tripulantes do navio, com os nomes e respectivas funções – todos subordinados ao capitão.

O leitor conhece a história por meio do diário do Capitão Hamilton. Nele há registros do clima, do número de escravos comprados, fugidos, mortos, doentes, etc. Encontram-se ainda as cartas que escreve a sua esposa que o espera na Inglaterra. Embora os dados sejam objetivos – com exceção das cartas de amor – podemos ter

acesso ao ambiente do navio: as sensações, comportamentos (não só do capitão), mas principalmente a percepção a partir do personagem de Hamilton, já que ele é quem escreve o diário.

Desta forma, temos aqui a perspectiva do Capitão, do homem branco – do colonizador, do Outro. Isto também nos remete ao título, já que vamos estudar o aspecto histórico-literário da escravidão e do imperialismo sob o foco ‘invertido’ - do opressor e não do oprimido - ou seja, a partir da outra margem do “rio”.

Este “Outro” mencionado é produto da dicotomia sujeito vs objeto criado pelo discurso do dominador. O sujeito é aqui entendido como agente, autônomo e independente. É um ser eurocêntrico (observemos de onde parte o navio), dominador, civilizado, com superioridade moral e religiosa, que tem uma literatura (com uma conseqüente história) e um discurso, haja vista o próprio diário de bordo.

Por outro lado, temos o objeto, ou o “outro”. Este é, por sua vez, periférico, subalterno, primitivo e selvagem, com a oralidade em detrimento da literatura, retratado com estereótipos pejorativos e com a superstição e misticismo no lugar da religião.

A denominação de “Outro” (*grand-autre*) e “outro” (*petit-autre*) é tomada dos estudos de Jacques Lacan (1901 – 1981), que, continuando os trabalhos de Freud, pesquisou como o sujeito (palavra-chave neste contexto) pode se tornar mais autônomo ou mais limitado. Ele propõe que a gênese do sujeito se dá em três fases: a semiótica (ser = objeto), a do espelho (imitação) e a simbólica (submissão à lei do pai, da linguagem previamente construída).

Quanto ao discurso para a construção desta bipolaridade, M. Foucault (1926 – 1984) o estudou como sistema de conhecimento. Ele afirma que o que se torna relevante é como se deu a produção do sujeito “Outro” e do objeto “outro” por meio de um discurso construído, já que ele está inserido em um contexto, em uma ideologia.

Partindo das conclusões de Foucault, J. Derrida (1930 – 2004) afirma que, se um discurso pode ser construído para a elaboração de um sujeito, ele pode também ser desconstruído. Ele mostra que

as bases de determinados pensamentos são “metafísicas” e, mesmo constituindo-se como premissas, podem ser desconstruídas, pois também se apresentam como produtos, sendo parte de oposições binárias (homem x mulher, colonizador x colonizado, etc.).

Esta “desconstrução” de que fala Derrida é o nome dado à operação crítica através da qual tais oposições podem ser enfraquecidas. O filósofo demonstra isso quando conceitos-base são trabalhados de forma que eles mesmos se confundam (periferia e núcleo ou metrôpole e colônia, por exemplo), havendo uma contínua difusão e mistura de significados, a que Derrida chama de ‘disseminação’.

Assim, seus estudos lançam dúvidas sobre conceitos como verdade, realidade, etc., vistos agora como produções da linguagem. Derrida conclui que se o significado é um produto do discurso, ele é, então, mutável e o próprio discurso em si é questionado. Deste modo, o significado pode não ser definido e a linguagem torna-se algo que “fazemos”, ligado intimamente à nossa vida diária. Tudo está envolvido na construção da linguagem e nas definições, e a “desconstrução” proposta por Derrida é um jogo de poder (no caso deste estudo, entre colonizador e colonizado), cujo vencedor é aquele que consegue se livrar dos conceitos preestabelecidos. Para ele, a desconstrução é, portanto, um ato político que consiste em desmontar o sistema lógico de pensamento que esconde estruturas políticas e sociais.

É importante citar também os trabalhos de J. P. Sartre, principalmente a sua obra “O ser e o não-ser” a respeito do Existencialismo e a possível imanência (resignação) ou transcendência (mudança) do sujeito.

É com a ferramenta da desconstrução e com a observação desta imanência ou transcendência por parte do sujeito proposta por Sartre que trabalhamos na análise do capítulo sob estudo, já que averiguamos a postura do Capitão em relação à compra e venda dos escravos.

Deste modo, quando observamos o comportamento do capitão Hamilton, logo o identificamos como o sujeito (Outro) que outre-

miza o objeto (outro). Vemos que ele sai de *sua* terra (Inglaterra - Europa) na busca da exploração de *outra* terra e seus habitantes. Ele passeia pela costa da África e isso mostra sua agência naquele lugar. Só esta postura já justifica assumi-lo como aquele que detém poder e soberania.

Mas há, ainda, inúmeros outros indícios. O navio deve, neste contexto, ser tomado como um microcosmo. Neste sentido, vemos que o capitão está no topo. Na própria relação dada pelo autor no início do capítulo, seu nome é o primeiro a aparecer, com a designação de “Master”. Em seguida, aparecem os demais tripulantes, em ordem hierárquica.

Quando da leitura do diário, percebemos qual é a postura do capitão diante deles: de superioridade e dominação. Há vários trechos que comprovam isso, como, por exemplo:

On this morning discovered William Barber, Cooper, guilty of broaching a cask of ale reserved for cabin use and filling with water. Put him in irons and, the facts being fully proved, ordered 12 lashes... (our italics) (p. 102)

[Nesta manhã descobri que William Barber, o tanoeiro, foi culpado por furar um barril de cerveja reservado para o uso da cabine e enchê-lo com água. Coloquei-o nos ferros, e tendo os fatos provados, ordenei 12 chibatadas...] (grifo nosso).

Apesar de o tanoeiro não ser negro ou escravo – já que nosso estudo toma este ponto de vista – percebe-se claramente como o capitão se sobrepõe às pessoas que estão abaixo de seu posto. Vemos então que, numa escala hierárquica, os subalternos com cargos de maior relevância que vêm logo abaixo de Hamilton são vistos por ele com mais respeito. Assim, o grau hierárquico e o tratamento dispensado pelo capitão são inversamente proporcionais. É raro um registro de maus-tratos ao 1st Mate ou ao Surgeon, mas encontramos diversos quando se trata dos outros cargos: “*Corrected the*

Carpenter with dozen stripes of the cat for making a commotion while fetching wood...”(our italics) (p. 103) [*Corrigi o carpinteiro com doze chibatadas por fazer um motim enquanto buscava madeira*] (grifos nossos).

Ao seguir nesta direção, encontramos, nos últimos lugares, o negro e, por fim, a escrava. Primeiramente, vemos que eles são nomeados apenas como “escravos”, ou seja, não têm nome, identidade: “*Mr Lewis has promised me 2 dozen of the finest slaves if I will tarry a few more days (...)*” (our italics) (p. 105) [O Sr. Lewis me prometeu duas dúzias dos melhores escravos se eu ficar mais dois dias (...)] (grifo nosso). Mas, pior que isso, quando há referência a um deles, esta é feita por números, como uma mercadoria, já que é assim que o capitão os considerava, pois este era seu “negócio”:

[...] From sunset till midnight very coarse weather, hard rain, strong gusts of wind and a very high swell. In this commotion 2 girl salves, who have long been ill of a flux, died. Nos 117 and 127. (our italics) (p. 116).

[...] Desde o pôr-do-sol até meia-noite o clima estava muito ruim, com chuva, com rajadas de ventos que vinham aumentando. Neste tumulto, 2 meninas escravas, há muito tempo com gripe, morreram. *Números 117 e 127*] (grifo nosso).

Claro que, como em toda a obra, o capitão Hamilton representa uma face da (H)história. O enredo é sobre sua vida e seu trabalho, mas ele nos remete a algo muito maior. Hamilton retrata o colonizador, o homem branco, europeu, o sujeito. O que é interessante no livro é que Phillips não coloca o leitor diante de um roteiro maniqueísta.

Em primeiro lugar, é interessante notar a dedicatória em seu livro: “*For those who crossed the river*” [Para aqueles que cruzaram o rio]. Como já falamos anteriormente, cruzar o rio significa ir para o outro lado, e não só os escravos o fizeram, mas também todos

aqueles envolvidos neste processo, como o personagem sob estudo.

De maneira muito inteligente, ele nos mostra os dois lados e, neste capítulo especificamente, conta a história por meio dos olhos do colonizador. Mas, quem é este colonizador? É um homem branco, europeu, essencialmente mau, que visa simplesmente à exploração? Ao ler seu diário de bordo, poderíamos concluir que sim; contudo temos as cartas que ele escreve a sua esposa que o espera na Inglaterra e estas mostram outro lado do capitão.

Vemos, assim, que mesmo os colonizadores sofreram consequências do imperialismo e que, de certa forma, também foram submetidos a este sistema. Era cobrada de Hamilton uma determinada postura: fria, puramente racional, objetivando lucro e assim por diante. No entanto, as cartas de amor “denunciam” outro Hamilton, doce e amoroso. Ele sentia saudades de sua amada, aparentemente não gostava do que fazia e ansiava retornar:

These are, indeed, pretty concerns (The ones previously mentioned in the letter) when set against my love for you, for I can declare, with honour, that barely an hour of my past life comes to mind with any pleasure, expecting valuable and precious time I have passed in your company, and for that I think the innumerable miseries and pains of my previous unhappy life [...] My affection for you goes beyond any words I can find or use [...] (our italics) (p. 108).

[Estas são, inclusive, pequenas preocupações (as previamente mencionadas na carta) quando comparadas ao *meu amor por você, para quem eu declaro, honrado*, que nem uma hora da minha vida vem a minha mente com prazer, esperando o valioso e precioso momento que passei em sua companhia, e por isso penso nas incontáveis *misérias e dores da minha anterior vida infeliz (...)* *Minha afeição por você vai além de quaisquer palavras que eu possa encontrar ou usar (...)*] (grifos nossos)

Ao mostrar o comportamento de Hamilton, Caryl Phillips nos faz ver que o imperialismo tem dois lados. Assim como a vida dele mostra faces opostas, o imperialismo, numa metáfora da existência de Hamilton, também o tem.

A procura do Capitão pelo pai e sua história também é uma evidência deste fato. O que ocorre é que alguns laços só foram possíveis em virtude da expansão européia. “*Although Crossing the River is a text rife with broken familial bonds, we subsequently see an emergence of new, non-familial connections*” (WARD, 2007, p. 22) [Embora *Crossing the River* seja um texto com laços familiares quebrados, nós vemos subsequentemente o aparecimento de conexões novas, não-familiares].

3 CONCLUSÃO

As ligações de que falamos, em sua maioria não-familiares, permeiam todo o romance na história de todos os personagens: Martha (personagem do capítulo dois), por exemplo, procura sua filha e está sempre em busca da construção de sua família e, neste caso, Hamilton, mesmo sendo branco, aparece também como vítima do processo de escravização, já que está apartado de sua amada e sem ligações com seu pai, que também trabalhava como comprador de escravos.

Desta forma vemos que, apesar da destruição que se abateu sobre inúmeras famílias subjugadas pelo imperialismo, muitos outros laços foram construídos. Nas palavras de Ward (2007, p. 22): “*The disruption of the stable family unit, one could argue, is one of the legacies of slavery although, as I explain, in this novel it is replaced with affiliative families*” [A ruptura da unidade da família estável, poder-se-ia argumentar, é um dos legados da escravidão, contudo, neste romance, ele é substituído por famílias agregadas].

Do que foi dito podemos concluir que uma visão unilateral do processo de escravidão e imperialismo europeu é, no mínimo, ino-

cente, e Caryl Phillips, de uma forma ao mesmo tempo sutil e eficaz, nos mostra isso claramente. É genial percebermos as nuances (embora marcantes) de toda uma história na vida das personagens do romance.

REFERÊNCIAS

PHILLIPS, Caryl. **Crossing the River**. New York: Vintage International, 1994.

WARD, Abigail. An Outstretched Hand: Connection and Affiliation in 'Crossing the River'. **Moving Worlds**, Leeds, UK, v. 7, n. 1, 2007.

Recebido em: 04 setembro 2008

Aceito em: 19 dezembro 2008